

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON-LINE)

DEZEMBRO / 2019

ACONSELHAMENTO DE MISSIONÁRIOS QUE ENFRENTAM O CHOQUE CULTURAL

Ma. Bettina Siemens

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON-LINE)
DEZEMBRO / 2019

ACONSELHAMENTO DE MISSIONÁRIOS QUE ENFRENTAM O CHOQUE CULTURAL¹

Counseling to missionaries that face cultural shock

Ma. Bettina Siemens²

¹ Este trabalho é fruto do artigo escrito para o Trabalho de Conclusão de Curso no programa de pós-graduação em Aconselhamento Pastoral da FABAPAR.

² Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa; Bacharel em Teologia da Faculdade Fidelis; Mestre do curso de Programa de Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR; atuou como missionária no sertão paraibano nos anos 2012-2014. E-mail: bettina.siemens@gmail.com

RESUMO

O presente artigo trata sobre o aconselhamento de missionários que enfrentam o choque cultural, visando elencar propostas claras e objetivas para tal atividade. Assim, busca respostas para o problema de pesquisa: “Como assistir os servos de Deus que estão em fase de adaptação transcultural?” O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, sendo Collins, Friesen e Schipani os principais autores consultados referente ao aconselhamento pastoral, Hiebert, Loss e Lidório aqueles que abordam o choque cultural enfrentado por missionários. Como resultado deste processo de pesquisa este artigo foi estruturado em duas partes. Inicia-se com uma breve fundamentação teórica a respeito do choque cultural, a qual é seguida por propostas de aconselhamento para missionários que estão nesta situação.

Palavras-chaves: Aconselhamento. Missionários. Choque cultural.

RESUMO

This article deals with the counseling of missionaries who face cultural shock in order to list clear and objective proposals for such activity. Thus, it seeks answers to the research problem: “How to assist servants of God who are in the process of cross-cultural adaptation?” The methodological procedure used was bibliographic research, with Collins, Friesen and Schipani being the main authors consulted regarding pastoral counseling, Hiebert, Loss and Lidório those who address the cultural shock faced by missionaries. As a result of this research process, this article was structured in two parts. It begins with a brief theoretical foundation on the cultural shock which is followed by proposals for counseling for missionaries who are in this situation.

Keywords: Counseling. Missionaries. Cultural shock.

INTRODUÇÃO

Diante dos desafios vivenciados pelos missionários, o cuidado para com estes servos de Deus tem sido objeto de pesquisa, reflexão e preocupação de agências missionárias, juntas de missões e outras organizações. No Brasil, percebe-se o esforço de tradução e publicação de material de qualidade sobre o assunto.³ Em tais livros são abordadas diversas dimensões do cuidado missionário, as quais são de fundamental importância para todos os que se interessam pela temática.

O interesse da pesquisadora pelo assunto surgiu depois de uma rápida, mas intensa, experiência na Angola e dois anos e meio de vida missionária no sertão paraibano, onde vivenciou diversos desafios do campo missionário. Como demonstram as pesquisas, o cuidado missionário constitui um campo amplo de pesquisa que não pode ser abordado em um único trabalho. Portanto, o presente artigo delimita sua pesquisa ao aconselhamento de missionários que enfrentam o choque cultural. A importância deste tipo de atuação nesta fase da vida missionária é confirmada por Sousa:

[...] a fase do envio, início e solidificação no campo é aquela em que incide o maior número de problemas e, conseqüentemente, de abandono do missionário ao campo e à missão. Portanto [...] os primeiros anos de inserção do missionário numa equipe ou em outra cultura devem ser assistidos de forma diretiva e com práticas de cuidado e orientação para transposição desse período.⁴

³ Alguns livros importantes que abordam a temática do cuidado missionário disponíveis para o público brasileiro, são: HAY, Rob; LIM, Valerie; BLOCHER, Detlef; KETELAAR, Jaap; HAY, Sarah. *Dignos de cuidado: perspectivas globais na melhor prática de retenção missionária*. Londrina: Descoberta, 2008; MEER, Antonia Leonora van der; SOUSA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia (Org.). *Perspectivas do cuidado missionário: contribuição a partir do Brasil*. João Pessoa: Betel, 2011; O'DONNELL, Kelly (Org.). *Cuidado integral do missionário: perspectivas e práticas ao redor do mundo*. Londrina: Descoberta, 2004; TAYLOR, William D. (Ed.). *Valioso demais para que se perca: um estudo das causas e curas do retorno prematuro de missionários*. Londrina / Curitiba: Descoberta, 1998.

⁴ SOUSA, João Marcos Cardoso de. *A ação de cuidado em contexto missionário*. In: MEER, Antonia Leonora van der; SOUSA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia (Org.). *Perspectivas do cuidado missionário: contribuição a partir do Brasil*. João Pessoa: Betel, 2011, p. 33.

A principal dificuldade encontrada na elaboração deste trabalho foi a de encontrar literatura a respeito. Esta parece ser uma lacuna nas pesquisas e trabalhos que abordam a questão do cuidado missionário, pois entre os livros pesquisados não há nenhum capítulo direcionado especificamente ao aconselhamento de missionários que enfrentam o choque cultural. Diante da limitação de bibliografia e espaço, este trabalho não tem a intenção de exaurir o assunto, mas de ser um incentivo para pesquisas futuras que possam aprofundar a temática.

O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, a qual, segundo Gil, “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.⁵ Assim, inicia-se com uma breve fundamentação teórica sobre o choque cultural, para, então, elencar algumas propostas de aconselhamento de missionários que enfrentam o choque cultural baseado em métodos, técnicas e orientações de autores renomados na área de aconselhamento pastoral, tais como: Collins, Friesen e Schipani.

1. EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO: O QUE É CHOQUE CULTURAL?

O choque cultural apresenta diversos ângulos que podem ser analisados e todos eles contribuem para uma melhor compreensão do que ele realmente é. Tal entendimento é importante para o presente trabalho, pois o cuidado com aquele que enfrenta o choque cultural deve “[...] oferecer uma percepção da dimensão da amplitude do problema, da vida da pessoa, fazendo-a perceber o todo, para não se perder em detalhes não relacionados, que pouco contribuem para a evolução da situação”.⁶ Assim, elaborou-se um quadro que apresenta a descrição de diversos autores sobre o choque cultural. A partir desta descrição, foram destacados o conceito e a reação emocional:

⁵ GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 65.

⁶ FRIESEN, Albert. Cuidando do ser: treinamento em aconselhamento pastoral. 3.ed. Curitiba: Esperança, 2012, p. 111.

QUADRO 1: Definição do conceito Choque Cultural.

Autor	Descrição	Conceito	Reação Emocional
DENNETT ⁷	“Experimentamos um choque cultural, quando somos confrontados com as grandes diferenças entre a nossa cultura e uma outra. No início, todas as visões exóticas, os odores dos temperos picantes, os costumes estranhos, etc, podem parecer estimulantes, mas a novidade logo desaparece. Ficamos confusos e frustrados porque não entendemos aquilo que se passa ao nosso redor. Esse estado mental persistirá, até que aprendamos alguns dos hábitos da língua e da cultura. Então, começaremos a nos sentir mais à vontade.”	O confronto com as grandes diferenças entre a nossa cultura e uma outra.	Confusos e frustrados
HIEBERT ⁸	“O choque cultural é a desorientação que vivemos quando todos os mapas e diretrizes culturais que aprendemos quando crianças não funcionam mais. Despidos de nossa maneira normal de lidar com a vida, ficamos confusos, amedrontados e zangados. Raramente sabemos o que aconteceu de errado, muito menos o que fazer a respeito. O choque cultural atinge a maioria das pessoas que vai fundo em novas culturas [...]. Alguns apresentam sérios quadros, outros, leves ataques.”	Desorientação que vivemos quando todos os mapas e diretrizes culturais não funcionam mais.	Confusos, amedrontado, zangados.
LIDÓRIO ⁹	“O denominado choque cultural é fator reacionário que pode inibir a adaptação, sobretudo em ambientes mais áridos. Nessa fase, se for acentuado, o missionário passa a ter dificuldades de estar e transitar entre o povo. Também não se sente fortalecido emocionalmente o suficiente para aprender a nova língua e absorver a cultura com alegria”.	Fator reacionário que pode inibir a adaptação	Dificuldade de estar e transitar entre o povo. Também não tem forças emocionais para aprender a língua e absorver a cultura com alegria

⁷ DENNETT, Jo Anne. *Florescendo em outra cultura: um manual para missões transculturais*. Londrina: Descoberta, 2004, p. 52.

⁸ HIEBERT, Paul G. *O evangelho e a diversidade das culturas: um guia de antropologia missionária*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 66.

⁹ LIDÓRIO, Ronaldo. *Campo pioneiro e a limitação vocacional, sociológica e teológica*. In: MEER, Antonia Leonora van der; SOUSA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia (Org.). *Perspectivas do cuidado missionário: contribuição a partir do Brasil*. João Pessoa: Betel, 2011a, p. 48.

GONZALES e OLIVEIRA ¹⁰	Oberg (1954): O choque cultural é causado pela ansiedade resultante de perder todos os nossos sinais e símbolos familiares de inter-relação social. Estes sinais incluem as mil e uma formas pelas quais nos orientamos com base nas situações da vida quotidiana. [...] Quando o indivíduo adentra uma nova cultura, dele se retira a maioria dessas dicas de interpretação, senão todas. É como um peixe fora da água. [...] Uma série de suportes tem sido retirados dos pés do indivíduo, que sente frustração e ansiedade.	A ansiedade resultante da perda de todos os nossos sinais e símbolos familiares de inter-relação social. Estes sinais incluem as mil e uma formas pelas quais nos orientamos com base nas situações da vida quotidiana.	Ansiedade, sente-se inadequado naquele contexto, frustração.
	Adler entende o choque cultural como “uma profunda experiência de aprendizado que conduz a um alto grau de autoconsciência e crescimento pessoal, [...] uma experiência de autoentendimento e mudança” ¹¹ .	Experiência de aprendizado que conduz a um alto grau de autoconsciência e crescimento pessoal; uma experiência de autoentendimento e mudança.	XXX
	Ellingsworth afirma que a adaptação envolve “não só confrontar o outro, mas confrontar também o eu” ¹² . Berry, por sua vez, propõe substituir o termo de choque cultural pelo de estresse de aculturação, lembrando que o conceito de estresse pode ter tanto um caráter positivo (eustress) quanto negativo (distress), característica que o qualifica para melhor capturar a multiplicidade de sensações experimentadas pelos indivíduos durante o processo de aculturação. ¹³	Confrontar o outro e também o eu; estresse de aculturação.	Eustress e distress

¹⁰ GONZALES, Juan Miguel Rosa; OLIVEIRA, José Arimatés. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: um estudo de caso. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n4/11.pdf>. Acesso em 20 mai. 2015. Em sua pesquisa a respeito dos efeitos da expatriação sobre a identidade citam a definição de alguns autores a respeito do choque cultural as quais contribuem com visões diferenciadas e, portanto, ampliam o entendimento sobre o conceito. Da mesma forma, os autores Weiermann e Silveira, mencionados logo a seguir, relacionam definições de diversos autores.

¹¹ ADLER, *apud* HASLBERGER, 2005, p. 162 (tradução nossa).

¹² ELLINGSWORTH, *apud* HASLBERGER, 2005, p. 162, (tradução nossa).

¹³ BERRY, 1997, 2005.

<p>WEIHERMANN e SILVEIRA¹⁴</p>	<p>O choque cultural é a principal fase do processo de ajustamento de um indivíduo no exterior, esta fase se caracteriza por ser a mais importante para que a experiência seja positiva, é aqui que o expatriado ou intercambista aceita a nova cultura ou a renege e por consequência retorna a seu país de origem.¹⁵</p>	<p>Principal fase do processo de ajustamento de um indivíduo no exterior;</p>	<p>Aceitação ou negação, saudades, solidão</p>
	<p>O choque cultural é a principal fase do processo de ajustamento de um indivíduo no exterior, esta fase se caracteriza por ser a mais importante para que a experiência seja positiva, é aqui que o expatriado ou intercambista aceita a nova cultura ou a renege e por consequência retorna a seu país de origem saudades e solidão.¹⁶</p>	<p>Principal fase do processo de ajustamento de um indivíduo no exterior;</p>	<p>A c e i t a ç ã o ou negação, saudades, solidão</p>

Fonte: organizado pela autora (2015).

Partindo dos conceitos apresentados, é possível afirmar que o choque cultural consiste na desorientação mental e emocional que ocorre quando alguém passa a viver num contexto transcultural, pois seus mapas e diretrizes culturais não funcionam mais. É a fase em que o encantamento com as novidades daquele novo ambiente é substituído pelo choque ou confronto do “eu” com o “outro”. Dependendo da reação a esta desorientação, o choque cultural pode ser um fator inibidor à adaptação ao novo contexto e/ou uma experiência de crescimento pessoal em que a pessoa passa a ser mais consciente de quem ela é, podendo, assim, tornar-se uma pessoa bicultural.

Como descrito pelos autores, as reações emocionais típicas do choque cultural são: confusão, ansiedade, frustração, saudades, solidão, insegurança, medo, sentimentos de aversão e rejeição à cultura receptora, estresse elevado. A pessoa sente-se como alguém fora de contexto, um intruso, estrangeiro. Além destes, há alguns dos transtornos psicoemocionais que podem se manifestar nesta fase da vida missionária:

¹⁴ WEIHERMANN; SILVEIRA, 2015.

¹⁵ BLACK; MENDENHALL; ODDOU, 1991.

¹⁶ DE PAULA; STAUB, 2005

É comum a manifestação de quadros fóbicos, isto é, os medos generalizados de que nada vai dar certo, de não ser capaz de realizar o trabalho, medos da violência do lugar em que vai se estabelecer ou da morte de alguém de sua família enquanto ele estiver longe, dentre muitos outros. A depreciação do humor é, também, de grande incidência. Por exemplo: tristezas súbitas, crise de choro, insegurança e desmotivação de estar ali, dúvida sobre suas escolhas associadas a crises de fé e reformulação de seus princípios e valores eclesiais na aplicação de seu ministério.¹⁷

Neste sentido, Hiebert também esclarece que “o problema do choque cultural é a distorção psicológica que surge sem ser percebida enquanto pensamos que estamos funcionando normalmente. Ela muda nossa percepção da realidade e debilita nosso corpo”.¹⁸ O autor menciona que o estresse elevado provocado pelo choque cultural pode levar a doenças físicas como também à depressão psicológica e espiritual.

220

Tendo como base estas questões introdutórias a respeito do choque cultural, é possível afirmar que se trata da principal fase no processo de aculturação, pois “[...] através dele desenvolvemos atitudes e tipos de relacionamentos que irão caracterizar a natureza e a eficácia de nosso ministério naquela sociedade”.¹⁹ Além disso, é o período em que “[...] os quadros de crise ou desgaste mental eventualmente poderão surgir”.²⁰ Assim, “consideramos esse período de adaptação como o tempo de observação e de extrema necessidade de assistência à pessoa do missionário no campo”.²¹

A pergunta que naturalmente surge é: como aconselhar? Como dar assistência ao missionário neste período inicial? Este é o assunto que será abordado a seguir.

¹⁷ SOUSA, 2011, p. 33.

¹⁸ HIEBERT, 1999, p. 71.

¹⁹ HIEBERT, 1999, p. 89.

²⁰ SOUSA, João Marcos Cardoso de. Missão e saúde mental. In: MEER, Antonia Leonora van der; SOUSA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia (Org.). *Perspectivas do cuidado missionário: contribuição a partir do Brasil*. João Pessoa: Betel, 2011a, p. 125.

²¹ SOUSA, 2011a, p. 125.

2. COMO ACONSELHAR MISSIONÁRIOS QUE ESTÃO ENFRENTANDO O CHOQUE CULTURAL?

O aconselhamento não se limita à prática de “dar conselhos”, como afirma Friesen: “Aconselhamento pastoral não é psicoterapia, nem psicanálise, nem tampouco a tentativa de resolver problemas apenas através de conselhos”.²² O mesmo menciona que “a responsabilidade do conselheiro é ‘assistir’ o aconselhando enquanto este busca seus recursos para ajustar-se, para resolver seus conflitos. ‘Assistir’ no sentido de estar presente, de auxiliar, de ajudar, de favorecer” (idem). Baseado nesse entendimento sobre a prática de aconselhamento buscou-se abordar diversas nuances relevantes que deveriam ser consideradas por aqueles que de alguma forma assistem os missionários com conflitos na adaptação transcultural.

É importante entender que o choque cultural é vivenciado de formas muito diferenciadas. Hiebert explica que:

Isso em parte depende da personalidade. Algumas pessoas são flexíveis e podem viver com uma grande dose de ambiguidade e logo se veem adaptadas aos novos costumes com certa facilidade. Outras são rígidas e precisam ter um grande controle sobre sua vida. A gravidade do choque depende parcialmente das diferenças entre sua primeira cultura e aquela para a qual se mudam. Quanto mais profundas as diferenças, mais elas precisam mudar para se ajustar ao cenário local.²³

Portanto, conhecer as personalidades ou tipos de temperamento do ser humano é importante também neste tipo de aconselhamento. Pessoas que são predominantemente sanguíneas e coléricas (também conhecidos como iniciadores e domi-

²² FRIESEN, 2012, p. 19.

²³ HIEBERT, 1999, p. 81.

nantes) terão naturalmente mais facilidade de adaptação do que melancólicos e fleumáticos (consciosos e constantes). Além disso, é importante que o conselheiro tenha algum tipo de vivência transcultural, como também conhecimento sobre conceitos de cultura, etnocentrismo, choque cultural e contextualização, para que possa estar sensível aos conflitos e desafios que o missionário está enfrentando.

O objetivo do aconselhamento de missionários que enfrentam o choque cultural não é ajudá-los a evitar o mesmo, mas conduzi-los para que desenvolvam habilidades psicoemocionais para enfrentar o choque com o máximo de crescimento e aprendizado. Assim também, o aconselhamento tem a função de identificar a manifestação de quadros crônicos na vida emocional do missionário e indicar o encaminhamento adequado.

Quanto à técnica que deve ser empregada, sugere-se que inicialmente seja a não diretiva. A postura do conselheiro inicialmente deve ser a de escuta e interação. Para Friesen, “[...] o método não diretivo tem se mostrado muito útil no início de um atendimento, até que o aconselhando se sinta seguro, compreendido e, especialmente, aceito incondicionalmente”.²⁴

Quando o aconselhando tiver exposto suas dificuldades, crises e conflitos e “[...] depois que o conselheiro tiver compreensão de todo o problema, o aconselhamento tem como função a correção de conceitos”.²⁵ Ou seja, em algum momento da conversa é importante que o conselheiro seja diretivo. Conselhos claros sobre o que deve e não deve fazer, para o missionário em fase de adaptação em uma nova cultura, podem ser cruciais, pois, dependendo da gravidade do choque cultural, ele está num estado de desorientação mental e emocional que prejudicam consideravelmente a capacidade de tomada de decisões acertadas.

²⁴ FRIESEN, 2012, p. 112.

²⁵ FRIESEN, 2012, p. 117.

No entanto, independentemente de a conversação ser não diretiva ou diretiva o processo de aconselhamento nunca deve tirar do missionário a autonomia na tomada de decisões, pois ele mesmo é o responsável pela sua adaptação cultural e suas consequências. A função do aconselhamento, portanto, é a de promover a ampliação da autonomia através de conversas profundas que ajudarão ao missionário a ter uma visão dos perigos e possibilidades do choque cultural. Tendo este objetivo em mente, alguns assuntos que poderão ser relevantes na conversa com estes missionários estão descritos abaixo.

2.1 RECONHECENDO O CHOQUE CULTURAL NA VIDA DO MISSIONÁRIO

Friesen destaca que “o enfoque do conselheiro pastoral é diferente do enfoque do amigo justamente porque se concentra no subjetivo, e não tanto no objetivo”.²⁶ Tal enfoque é componente fundamental no aconselhamento de pessoas que enfrentam o choque cultural, pois “o conteúdo objetivo já está sendo compreendido pelo próprio aconselhando [...] mas o aconselhando muitas vezes não consegue entender e verbalizar as emoções”.²⁷

O missionário que vem buscar ajuda nos primeiros dois anos de vida no campo missionário, provavelmente está lidando com o choque cultural. Nem sempre ele é consciente do mesmo e é possível que seus problemas não se restrinjam ao choque, mas são intensificados por ele. Se for um missionário solteiro, a solidão pode ser uma das principais dificuldades mencionadas; se forem casados, ou famílias, podem se queixar de conflitos conjugais, discordância sobre a forma de se educar os filhos, entre outros fatores. Todas estas são questões que podem se apresentar na vida de qualquer ser humano independentemente de estar vivendo em seu contexto cultural de origem ou num

²⁶ FRIESEN, 2012, p. 113.

²⁷ FRIESEN, 2012, p. 113.

outro lugar. Mas é indiscutível que viver num contexto cultural diferente do original pode tonar tais dificuldades normais em enormes problemas.

O choque cultural não é necessariamente a causa dos dilemas apresentados pelos missionários (os quais precisam de aconselhamento específico), mas um intensificador. Assim, ajudar missionários a lidar com o choque cultural não é a “cura” para todas as dificuldades da vida do missionário, mas será relevante para que possa lidar com as mesmas de forma mais saudável e leve. Friesen defende que “poder entender as emoções oferece antes de tudo o efeito da catarse, a liberação da opressão de sentimentos negativos. Em um segundo momento facilita a compreensão dos bloqueios existentes e de condutas inadequadas canalizadas”.²⁸

224

Sendo assim, o conselheiro pode lançar algumas perguntas que o ajudarão a perceber como o missionário tem vivido o processo de adaptação à nova cultura. Outra abordagem interessante nesta etapa pode ser o uso de formas lúdicas, pedindo ao aconselhando que se desenhe quando está no seu lugar de origem e quando está no novo ambiente, a fim de identificar mudanças. Ou, que o mesmo use imagens da natureza para ilustrar seus sentimentos atuais, podendo também escolher um personagem bíblico com o qual se identifica no momento. Tais abordagens podem ajudá-lo no processo de se compreender.

Dessa forma, será possível identificar o quanto o missionário está sendo afetado pelo choque cultural. Como apontado acima saudades exageradas de casa e rejeição/aversão aos costumes do povo com o qual está convivendo no campo missionário são indicações de que está tendo dificuldades na adaptação por causa do choque cultural. Sentimentos de inutilidade, medo, confusão, frustração, ansiedade e desorientação também são indícios de que o aconselhando está passando pelo choque cultural.

²⁸ FRIESEN, 2012, p. 113.

2.2 DEFININDO O TIPO DE ADAPTAÇÃO QUE O MISSIONÁRIO GOSTARIA DE ALCANÇAR

O próximo passo do aconselhamento seria o de estabelecer alguns objetivos. Acima já foram sugeridos os principais objetivos específicos do conselheiro neste tipo de aconselhamento. Além destes, Schipani afirma que,

[...] acima de tudo, aconselhadore pastorais devem honrar o chamado que receberam para mediar a graça e a sabedoria divinas como representantes da Igreja que se preocupa e do Cristo que cura. Devem tornar-se cuidadores competentes, cujo caráter reflete sua participação em comunidades de fé plenamente atentas ao reino de Deus no mundo e comprometidos a desempenhar o papel de guias espirituais e morais.²⁹

O autor, no entanto, enfatiza também que há outro tipo de objetivos os quais “[...] devem ser estabelecidos e formulados a partir da perspectiva do aconselhando, em consulta com o aconselhador pastoral, conforme esses objetivos surgem ao longo do processo para determinar as necessidades de aconselhamento”.³⁰ Tratando-se do aconselhamento de missionários que enfrentam o choque cultural um dos objetivos principais a ser definido com o aconselhando é o tipo de adaptação cultural que ele deseja alcançar, pois existe uma relação direta entre a forma de reação ao choque cultural e a adaptação. É a partir desta decisão que será encaminhado todo o processo de aconselhamento.

Logo, o estabelecimento deste objetivo não deve ser realizado quando o missionário está alvoroçado emocionalmente, sem conseguir pensar racionalmente. O conselheiro precisa conversar com seu aconselhando a respeito do assunto e para tal a explicação de alguns autores podem ser de grande ajuda, apesar

²⁹ SCHIPANI, Daniel. O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 33.

³⁰ SCHIPANI, 2004, p. 32.

de serem tendenciosos.³¹

Conforme Hiebert, alguns missionários, depois de passarem pelo choque cultural, mantêm a distância das pessoas nativas e constroem guetos³² da sua própria cultura da qual se arrancam diariamente para fazer o trabalho; outros rejeitam seu passado e tentam se tornar nativos (o que é ilusão); e existem aqueles que conseguem se “identificar com a cultura e trabalhar por algum tipo de integração”.³³ Outra reação ao choque cultural, pode ser a volta precoce ao país de origem:

O não aprendizado da língua, sem que o missionário se comunique sem grandes esforços, a ausência de boa compreensão e aceitação de outras maneiras de viver e agir, e o desenvolvimento de verdadeiros relacionamentos e amizades entre os locais, tudo isso contribui, em boa parte, para uma permanência sofrida, ou uma saída precoce do campo.³⁴

Percebe-se, portanto, que a forma de enfrentar o choque cultural terá grande influência na adaptação do missionário ao novo contexto e, conseqüentemente, definirá o tipo e alcance de seu ministério. A tentação durante o choque cultural é de rejeitar qualquer tipo de identificação com o povo local. Neste momento é válido dar atenção a Gonzáles e Oliveira (2015) que apresentam diferentes modelos de adaptação cultural a partir de diversos autores. Um deles é bastante interessante para o aconselhamento, pois relaciona o nível de estresse ao tipo de adaptação:

226

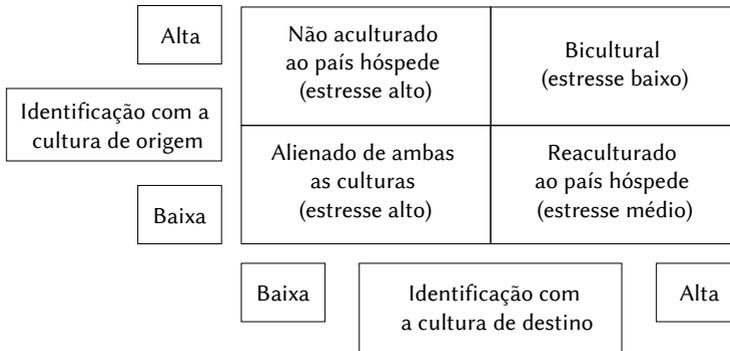
³¹ Nesta conversa é provável que o conselheiro seja diretivo, pois tratando-se de adaptação / identificação missionária num contexto transcultural a Bíblia, que é autoridade na vida do missionário, traz orientações bastante claras sobre o assunto.

³² Vale destacar que, neste tipo de adaptação, os mais prejudicados, via de regra, são os filhos que crescem em um ambiente aprendendo que pertencem a outro lugar. Crises de identidade são bem prováveis quando se tornarem adultos.

³³ HIEBERT, 1999, p. 77.

³⁴ LIDÓRIO, 2011a, p. 47.

FIGURA 01: Modelo de Identificação Cultural do expatriado e estresse.



Fonte: Sánchez; Spector; Cooper (2000) *apud* González; Oliveira (2015).

Conforme este modelo apenas a identificação alta com as duas culturas (que torna a pessoa bicultural) é aquela que gera um nível de estresse baixo. O processo de adaptação pode ser bastante estressante. Mas, quando se busca a identificação com a cultura local sem, no entanto, negar a própria cultura de origem o nível de estresse diminuirá significativamente depois de alguns meses. Tal expectativa pode ser bastante consoladora para o missionário que está iniciando sua caminhada transcultural.

Um exemplo de adaptação foi dado pelo apóstolo Paulo, o conhecido e amado missionário transcultural, cujo ministério tem inspirado muitos missionários transculturais. Este descreve em sua primeira carta aos coríntios um princípio que guiava sua atitude em relação ao seu público alvo:

Porque, embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, tornei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma

forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser co-participante (sic) dele.³⁵

Nesta passagem e em outras, Paulo se apresenta como alguém que decidiu se identificar com o outro. No entanto, ele não deixou de ser judeu e de se identificar com os seus. Portanto, tornou-se uma pessoa bicultural. A razão que o levava a agir desta forma era a salvação dos seus ouvintes. Os missiólogos denominam tal atitude de contextualização. Para Hesselgrave, “contextualizar é tentar comunicar a mensagem, trabalho, Palavra e desejo de Deus de forma fiel à revelação e de maneira significativa e aplicável nos distintos contextos, sejam culturais ou existenciais”.³⁶

Assim, ao definir o tipo de adaptação que deseja alcançar, o missionário precisa levar em conta o que o motivou a deixar sua terra natal e ir ao campo missionário e, também, deve considerar seus objetivos ministeriais. Se ele deseja transmitir uma mensagem relevante e significativa aos nativos é importante que ele se identifique com eles³⁷. Além disso, a longo prazo, esta é a opção menos estressante.

Os próximos passos do aconselhamento pressupõem que o missionário tenha tomado a decisão de se identificar com o novo ambiente cultural, mas, mesmo que tenha escolhido outro modelo de adaptação os assuntos abaixo podem ser úteis no aconselhamento.

³⁵ I Coríntios 9.19-23.

³⁶ HESSELGRAVE *apud* LIDÓRIO, Ronaldo. A teologia bíblica da contextualização. In: BURNS, Barbara Helen (Ed.). Contextualização missionária: desafios, questões, diretrizes. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 15.

³⁷ O assunto da contextualização é bastante polêmico no meio missionário. Existem diversas posições a respeito de como deve ser a vida missionária num campo transcultural, os níveis de contextualização, entre outros. Neste trabalho adota-se a posição de que o missionário deve se identificar com os nativos, sem, no entanto, adaptar-se à dimensão pecaminosa da cultura e sem cair na ilusão de um dia poder se tornar literalmente um nativo. Para uma reflexão bíblica a respeito sugere-se a leitura do livro: BURNS, Barbara Helen (Ed.). Contextualização missionária: desafios, questões, diretrizes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

2.3 AJUDANDO A DIMINUIR AS TENSÕES DE ADAPTAÇÃO

A fase do choque cultural caracteriza-se principalmente pela tensão causada no processo de adaptação. São muitos os fatores que contribuem para o aumento do estresse³⁸, como esclarece a explicação abaixo:

Mudanças em nossas vidas, boas e más, causam tensões. Dr. T. H. Holmes inventou uma escala, a qual mede a quantidade de stress causado por cada evento que provoque mudança de vida. Por exemplo, a mudança de trabalho alcança 36 pontos, a mudança nas condições de vida, 25 pontos, etc. De acordo com este estudo, quando as pessoas experimentam um total de 300 Unidades de Mudança de Vida, elas têm 80 por cento de chance de acabar com uma grave doença física ou mental.

Quando consideramos todas as mudanças envolvidas, ao entrarmos em uma nova cultura, novo país, língua, estilo de vida, trabalho, relacionamentos, etc, torna-se óbvio que os missionários vivem sob uma tremenda pressão. Na escala do dr. Holmes, o total alcançado por um novo missionário é igual a 400 pontos positivos, o que nos dá uma ideia da magnitude do stress que envolve a vida missionária.³⁹

Por isso, uma das principais funções do conselheiro é ajudar a diminuir a tensão causada pelo choque cultural. Loss (2005) apresenta dicas práticas para a diminuição do estresse, as quais podem ser assunto de conversa entre o conselheiro e o missionário, sendo que, o primeiro, precisa estar sensível às dificuldades que o segundo pode ter para concretizar estas orientações e ajudá-lo neste processo:

a) Estabeleça metas razoáveis; b) Não leve muito a sério a lista de tarefas do seu trabalho – valorize relacionamentos; c)

³⁸ Uma boa explanação a respeito da relação entre choque cultural e estresse é feita por: LOSS, Myron. Choque cultural: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. Minas Gerais: Horizontes, 2005.

³⁹ DENNETT, 2004, p. 52.

Seja compromissado com a alegria e não leve você mesmo muito a sério. O humor pode ser um grande remédio; d) Lembre-se que você é humano: “Você vive em uma tenda humana que precisa de comida, de descanso e de exercício”⁴⁰; e) Seja flexível; f) Faça a sua mudança de cultura gradualmente: Tome cuidado para não cortar todos os laços com os seus, antes de ter estabelecido laços estáveis na nova cultura. Lembre-se de que você sempre será um estrangeiro, não importa o quanto se esforce [...] Não negue o seu patrimônio histórico e cultural: ele faz de você quem você é; g) Perdoe a si mesmo e a outras pessoas; h) Estabeleça algumas amizades muito próximas com pessoas da cultura que lhe recebeu; i) Seja agradecido; j) Seja um encorajador; l) Crie coragem, alguém entende: “Jesus sabe tudo sobre adaptação transcultural, e Ele compartilha com você as suas lutas”.⁴¹

Essas são atitudes que poderão ajudar o missionário que está enfrentando o choque cultural. Hiebert afirma: “Aprender uma nova cultura [...] pode ser uma provação terrível ou uma experiência nova emocionante. A diferença sempre está na atitude que temos com a nova situação”.⁴² Nesta perspectiva, o conselheiro pode ajudar o missionário a desenvolver atitudes positivas no processo de aprender uma nova cultura. Se o missionário for levado pelo choque cultural terá a tendência de ter uma visão exagerada e pessimista de todos os acontecimentos desagradáveis. Contudo, com um pouco de incentivo é possível mudar.

⁴⁰ LOSS, 2005, p. 106.

⁴¹ LOSS, 2005, p. 118.

⁴² HIEBERT, 1999, p. 81.

2.4 ORIENTANDO O MISSIONÁRIO NO RECONHECIMENTO E RESPEITO AOS SEUS LIMITES

Apesar do respeito aos próprios limites estar relacionado aos conselhos abordados anteriormente, ele merece destaque especial quando se trata do aconselhamento de missionários que enfrentam o choque cultural. Existem situações em que as tensões do choque cultural ultrapassam os limites psicoemocionais do missionário.

Alguns indivíduos conseguem lidar com o estresse de maneira mais bem-sucedida do que outros. Esta capacidade depende de muitas variáveis, incluindo as experiências da infância, a estabilidade e o nível de autoestima, e da saúde física. Se o estresse for excessivo, o indivíduo excederá a sua capacidade e, dessa forma, experimentará graves distúrbios emocionais e físicos [...]. Para o indivíduo instável, até o chamado estresse médio pode produzir um comportamento psicótico. Para o indivíduo estável, o estresse pode ser aumentado consideravelmente até produzir irregularidades [...] Entretanto, cada pessoa tem um nível de tolerância que, apesar de ser difícil de ser predeterminado, pode ser excedido.⁴³

Caso existam diferentes níveis de tolerância ao estresse, é fundamental que o missionário conheça seus limites. E, tendo procurado ajuda de um conselheiro, é provável que esteja tendo dificuldades nesta área e precisa de ajuda. Quanto a esta dimensão o conselheiro tem as seguintes funções:

a) Perceber se há suspeita de que o missionário está ultrapassando os seus limites exageradamente;

b) Em casos que não estão tão avançados, a ajuda do conselheiro pode ser suficiente. Ele deve orientar o missionário para que este possa identificar seus limites e incentivá-lo a respeitar os mesmos.

⁴³ LOSS, 2005, p. 25.

É importante ter em mente que “os missionários, não somente enfrentam um grande estresse por causa da dificuldade do trabalho que estão tentando realizar, mas também devido aos padrões muito elevados que se espera deles”.⁴⁴ As exigências que se fazem deles são muito elevadas e, não raras vezes, são comparados com missionários bem-sucedidos que passaram pelas situações mais difíceis. Por causa disso, geralmente os missionários têm expectativas elevadíssimas de si mesmos: “A maioria dos obreiros em potencial se sente desgraçadamente inadequada para estar à alta destas exigências”.⁴⁵

O cuidado missionário nesta fase de adaptação deve evitar “[...] uma postura de exigências indevidas de resultados e de uma super-humanização do missionário, para procurar uma postura mais humana e participativa nessa sua fase de vida”.⁴⁶ Neste sentido, as dicas do tópico anterior poderão ajudar ao conselheiro a estabelecer, junto com o missionário, limites saudáveis para seu ministério e vida pessoal. Lembrando que estes limites se diferenciam entre os indivíduos.

232

2.5 ORIENTANDO O MISSIONÁRIO NO ENFRENTAMENTO DO “SELF-SHOCK” E NO DESENVOLVIMENTO DE UMA AUTO-ESTIMA SAUDÁVEL

Outra questão com a qual o missionário terá que lidar durante o choque cultural é o “self-shock” ou “choque do eu” mencionado por Zaharna:

Trata-se da intrusão de novas e, às vezes, conflitantes autoidentidades que o indivíduo encontra quando se depara com um Outro culturalmente diferente. As relações conturbadas com o Outro e as ambiguidades comportamentais filtram-se, em última instância, em uma relação conturbada

⁴⁴ LOSS, 2005, p.75.

⁴⁵ LOSS, 2005, p. 76.

⁴⁶ SOUSA, 2011, p. 34.

com o eu. Essas relações difíceis afetam a capacidade do indivíduo de se apoiar em autoidentidades reconhecíveis e consistentes. A sensação de “coisa errada” não é mais sobre ambiguidades com o Outro ou ambiguidades comportamentais, e sim sobre ambiguidades com o eu.

[...] “em um momento em que estamos procurando significado fora, nosso eixo interno para a criação de significados é tirado do lugar; a nossa frustração não vem tanto de tentar que o outro faça sentido como de tentar que o eu o faça”.⁴⁷

Esta é uma realidade que precisa ser tratada, no entanto, nem sempre o missionário é consciente disso. Acredita que está tentando entender o outro, quando na verdade está buscando o sentido para o próprio eu naquele novo ambiente cultural. A teoria de Freud que aborda a dimensão consciente, inconsciente e subconsciente pode ser de ajuda para compreender a identidade do ser humano. Da mesma forma, a explicação do conceito de cultura a partir da comparação com um iceberg pode ser útil.

O conselheiro deve ajudar o missionário a trazer à superfície questões da sua identidade que estavam submersas. Enquanto ele estava no seu lugar de origem estas dimensões não eram confrontadas (valores, estruturas cognitivas, crenças e cosmovisão, por exemplo) e, naturalmente, o modo de vida dos nativos passa a ser incômodo para o missionário. Porém, este desconforto vai permanecer por alguns meses (anos), pois conhecer a si mesmo sempre é um processo. Para que o missionário possa enfrentar este tempo de descoberta com certa estabilidade é importante que tenha uma autoimagem / autoestima bíblica. Quando a mesma não estiver saudável, esta se apresenta como mais uma necessidade fundamental a ser tratada nos encontros com o conselheiro.

Uma boa autoestima facilitará imensamente a vida do missionário que enfrenta o “choque do eu” ou choque cultural,

⁴⁷ ZAHARNA, *apud* GONZÁLES; OLIVEIRA, 2015, s/p.

pois “refere-se à estimativa que a pessoa faz acerca do seu próprio valor, sua competência e importância”.⁴⁸ Se o missionário for uma pessoa que se sente inferior ele terá a tendência de “[...] se comparar com os outros de maneira desfavorável. Estas comparações podem causar muito sofrimento e sentimentos de inadequação”.⁴⁹ Pensando num contexto transcultural, em que o missionário está sendo confrontado consigo mesmo, ele necessita de uma segurança interior grande suficiente para suportar algum tempo de dúvidas a respeito da sua autoidentidade.

Para ajudar pessoas com baixa autoestima, Collins incentiva que o conselheiro tenha as seguintes atitudes: dê apoio, aceitação e aprovação sinceros; procure desenvolver a compreensão; apresente a perspectiva bíblica sobre autoestima; incentive a autorrevelação e a autoavaliação realista; ensine novas habilidades; ajude o aconselhando a evitar tendências destrutivas; incentive o apoio de um grupo; ensine os aconselhados a lidar com o pecado.⁵⁰

234

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando elencar algumas propostas para o aconselhamento de missionários que estão enfrentando o choque cultural, este trabalho foi baseado em obras de diversos autores que ajudam na compreensão do significado deste importante, mas difícil, momento na vida missionária, como também nas orientações de Shcipani, Friesen e Collins para a prática de aconselhamento pastoral.

As principais ações apontadas para os conselheiros são: reconhecer o choque cultural na vida do missionário, a definição do tipo de adaptação que o missionário gostaria de alcançar, ajudar a diminuir as tensões de adaptação, orientar o missio-

⁴⁸ COLLINS, Gary R. Aconselhamento cristão: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 372.

⁴⁹ COLLINS, 2004, p. 372.

⁵⁰ COLLINS, 2004, p. 379-382.

nário no reconhecimento e respeito aos seus limites, no enfrentamento do “self-shock” e no desenvolvimento uma autoestima saudável. Todas as ações do conselheiro devem ter a intenção de promover a ampliação da autonomia através de conversas profundas que ajudarão o missionário a ter uma visão dos perigos e possibilidades do choque cultural.

Assim, a esperança do conselheiro é que o choque cultural possa se tornar, para o missionário, uma experiência de encontro profundo consigo mesmo, com Deus e com o outro. Que esta fase possa contribuir para o amadurecimento dos servos de Deus e uma adaptação que favoreça o relacionamento com o povo local. Tudo isso para que Cristo se torne conhecido através da vida e das palavras do missionário.

REFERÊNCIAS

BURNS, Barbara Helen (Ed.). **Contextualização missionária: desafios, questões, diretrizes**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão: edição século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DENNETT, Jo Anne. **Florescendo em outra cultura: um manual para missões transculturais**. Londrina: Descoberta, 2004.

FRIESEN, Albert. **Cuidando do ser: treinamento em aconselhamento pastoral**. 3.ed. Curitiba: Esperança, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZALES, Juan Miguel Rosa; OLIVEIRA, José Arimatés. **Os efeitos da expatriação sobre a identidade: um estudo de caso**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n4/11.pdf>. Acesso em 20 mai. 2015.

HAY, Rob; LIM, Valerie; BLÖCHER, Detlef; KETELAAR, Jaap; HAY, Sarah. **Dignos de cuidado**: perspectivas globais na melhor prática de retenção missionária. Londrina: Descoberta, 2008.

HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LIDÓRIO, Ronaldo. A teologia bíblica da contextualização. In: BURNS, Barbara Helen (Ed.). **Contextualização missionária**: desafios, questões, diretrizes. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 15-34.

LIDÓRIO, Ronaldo. Campo pioneiro e a limitação vocacional, sociológica e teológica. In: MEER, Antonia Leonora van der; SOUSA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia (Org.). **Perspectivas do cuidado missionário**: contribuição a partir do Brasil. João Pessoa: Betel, 2011a. p. 41-54.

LOSS, Myron. **Choque cultural**: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. Minas Gerais: Horizontes, 2005.

MEER, Antonia Leonora van der; SOUSA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia (Org.). **Perspectivas do cuidado missionário**: contribuição a partir do Brasil. João Pessoa: Betel, 2011.

O'DONNELL, Kelly (Org.). **Cuidado integral do missionário**: perspectivas e práticas ao redor do mundo. Londrina: Descoberta, 2004.

SCHIPANI, Daniel. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SOUSA, João Marcos Cardoso de. A ação de cuidado em contexto missionário. In: MEER, Antonia Leonora van der; SOUSA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia (Org.). **Perspectivas do cuidado missionário**: contribuição a partir do Brasil. João Pessoa: Betel, 2011. p. 27-38.

SOUSA, João Marcos Cardoso de. Missão e saúde mental. In: MEER, Antonia Leonora van der; SOUSA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia (Org.). **Perspectivas do cuidado missionário**: contribuição a partir do Brasil. João Pessoa: Betel, 2011a. p. 115-130.

TAYLOR, William D. (Ed.). **Valioso demais para que se perca**: um estudo das causas e curas do retorno prematuro de missionários. Londrina / Curitiba: Descoberta, 1998.

